



Centro Universitário de Brasília -UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e da
Saúde – FACES
Programa de Iniciação Científica

Discutindo a Transição Social da Mulher Madura: Estudo de Caso

Maíra Barros Ferreira

Brasília
Agosto de 2016



Centro Universitário de Brasília -UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e da
Saúde – FACES
Programa de Iniciação Científica

Discutindo a Transição Social da Mulher Madura: Estudo de Caso

Maíra Barros Ferreira

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES

Orientação: Profa.Dra. Valéria Deusdará Mori

Brasília
Agosto de 2016

Dedico esta pesquisa aos grandes mestres e mestras que me acompanharam em minha jornada estudantil, a minha prima Indira, a todos que acreditaram e depositaram sua confiança em mim e a todas as mulheres que vivem suas vidas a lutar contra o discurso dominante de gênero tão nocivo à nossa sociedade.

Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano.

Mas tal afirmação é abstrata;

o fato é que todo o ser humano concreto se situa

sempre de um modo singular.

Simone de Beauvoir

Resumo

Palavras-chave: Mulher de meia idade. Subjetividade. Questões de gênero.

O estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa que se apoia na Teoria da Subjetividade cuja proposta metodológica se fundamenta na Epistemologia Qualitativa, ambas desenvolvidas por González Rey. O principal objetivo do artigo é compreender a produção subjetiva de mulheres entre 50 e 59 anos de idade e descrever as questões que envolvem o envelhecimento feminino, buscando entender os sentidos subjetivos associados ao envelhecimento da mulher na sociedade atual. A discussão procura fazer uma breve análise sobre a representação da mulher na sociedade ocidental contemporânea.. A pesquisa foi orientada por uma metodologia de caráter construtivo-interpretativo. Nesse estudo, por meio da dinâmica conversacional foi possível interpretar e construir informações a respeito da elaboração dos processos subjetivos de mulheres que se encontram na faixa etária entre 50 e 59 anos. As informações foram construídas a partir de interpretações de indicadores de sentido expressados livremente pelo sujeito em caráter dialógico. O estudo proporcionou a percepção da singularidade da subjetividade humana e seu caráter contraditório, com esse intuito priorizou-se o sujeito em sua complexidade dando livre expressão à sua condição e experiência.

Sumário

Introdução.....	1
Objetivos.....	2
Geral:	2
Específicos:.....	2
Fundamentação Teórica.....	2
Metodologia.....	5
Cenário de Pesquisa.....	6
Instrumentos.....	6
Participantes.....	7
Resultados e Discussão.....	7
Construção e Análise de Informação.....	10
Conclusão.....	11
Plano de Trabalho.....	12
Referência Bibliográfica.....	14
Apêndice.....	15
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	15

Introdução

A pesquisa em questão surgiu, enquanto tema, ao dar os meus primeiros passos acadêmicos, no ano de 2007, ao cursar Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás. Durante meu percurso de vida, a curiosidade, o desejo e anseio pelos estudos de Gênero e Sexualidade se fizeram presentes, em especial a temática do feminino e o que envolve ser mulher. Na grade curricular da faculdade havia uma disciplina denominada “Métodos e Técnicas em Pesquisa Social” e nela foi solicitado aos estudantes que elaborassem um projeto de pesquisa. Foi nessa etapa que parei para pensar em um tema que teria interesse em de fato estudar.

Desde a infância, costumava observar os livros da minha mãe que ficavam em uma grande e velha estante de madeira em nossa sala de estar e nela havia um livro chamado “Complexo de Cinderela”, um dos best-sellers de Colette Dowling durante a década de 80. Foi então que, ao pensar sobre um assunto para o trabalho de faculdade, lembrei desse livro e decidi lê-lo, foi uma leitura que me agradou e então pesquisei outros livros da autora, chegando até “O Complexo da Loba”. Neste livro me encantei com o assunto do envelhecer feminino e principalmente pelas questões que podem envolver o período de vida pelo qual passa a mulher de meia-idade, denominada em minha pesquisa como madura e que delimitarei como a mulher que possui faixa etária entre os 50 e 59 anos de idade. Na procura por mais literatura que abordasse especificamente a mulher madura, pude perceber que há uma certa escassez de autores que pesquisem acerca do tema, o que se tem em maior quantidade são autores da área de conhecimento da saúde que enfatizam aspectos biológicos e não o aspecto sócio-histórico-cultural das vivências dessas mulheres.

Objetivos

Geral:

Compreender os processos subjetivos implicados no envelhecimento da mulher na sociedade atual.

Específicos:

Analisar os aspectos sociais relacionados ao envelhecer na sociedade contemporânea;

Analisar os aspectos da subjetividade social implicados no envelhecimento feminino;

Discutir os sentidos subjetivos do envelhecer a partir da vivência única e singular de diferentes mulheres.

Fundamentação Teórica

Nessa pesquisa discuto a questão da mulher acima de 50 anos, denominada aqui como madura, seu processo de envelhecimento, assim como as transformações do lugar da mulher na cultura, suas contradições e impasses atuais característicos da sociedade ocidental.

É fato que existem barreiras sociais que tornam difícil à mulher envelhecer tranquila e produtivamente – a saber, o duplo impacto dos preconceitos, contra o gênero e contra a idade. São os preconceitos sociais em relação às mulheres com mais de 50 anos que incrementam a dificuldade de lidar com o envelhecer que está por vir. Como se não bastasse, o envelhecimento na sociedade atual é visto como um afastamento da perfeição do corpo, pois a juventude e a beleza são estimadas como modelo de saúde (Dowling, 1996). Em um mundo que a cultura representa apenas uma forma de distração e entretenimento, onde os valores são cada vez mais distorcidos ou inexistentes não há espaço para se discutir a realidade. A cultura

antes representada por uma espécie de consciência que impedia que virássemos as costas para a realidade, atualmente não existe mais (Llosa, 2013).

Esse período da vida feminina é apresentado com imagens demonstrando que a juventude, a vitalidade, a sexualidade e a atratividade podem ser mantidas com posturas que dependem apenas da mulher, tais como: hábitos alimentares saudáveis, exercícios físicos constantes, controle de peso, cuidados da pele e outros (Vigeta & Bretas, 2004).

Uma das principais características do processo de envelhecimento da mulher diz respeito à questão da despersonalização de sua figura, que pode causar a perda de pontos de referência e objetivos em sua vida (Alonso, Gurfinkel & Breyton, 2002). A forma como ela se vê pode sofrer várias alterações neste período, sua feminilidade, segurança e sexualidade são exemplos dessa possível percepção alterada. Podem surgir temores antes inexistentes em suas vidas como, por exemplo, o medo da perda do poder de atração e sedução.

O envelhecimento feminino pode ser mais dependente do seu destino fisiológico do que o masculino. Diante disso, é concreta a necessidade de um olhar mais atento para as questões femininas. As passagens na vida de uma mulher evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem, por exemplo, puberdade, iniciação sexual e menopausa (Beauvoir, 1949).

Neste sentido, as mudanças físicas e psíquicas que a mulher enfrenta devem ser compreendidas tendo em vista as expectativas e representações dessa sociedade. A exigência de perfeição e o investimento desmedido na aparência ditado por uma estética cultural causam grandes efeitos na constituição da subjetividade feminina. Subjetividade esta, representada por um sistema complexo produzido simultaneamente em nível social e individual, seu significado depende da constituição subjetiva da história do sujeito (Rey, 2003). Desta forma, o indivíduo é constituinte e constituído da subjetividade social. Nesse contexto certo

estranhamento em relação a si mesma faz com que várias mulheres tenham dificuldades em lidar com as perdas inerentes a esta fase da vida.

É também através da análise do ideal de corpo almejado por muitas mulheres que pode se ter uma ideia da percepção que têm de si e do mundo do qual fazem parte. Para isso é essencial o estudo das linhas que pensam o corpo já que de acordo com Berger (1999) "o corpo é um processo sociocultural revelador de momentos históricos específicos" (p.7).

A forma como se interpreta a problemática da mulher perpassa por diversos caminhos e proposições diferenciadas. Na área biológica não se pode negar a existência da menopausa, a qual poucas mulheres estão isentas dos sintomas e que para muitas significa o início do envelhecimento. Para Luca (1994), os sinais e sintomas da síndrome do climatério causam mal-estar físico e emocional, resultante da insuficiência estrogênica, destacando-se, a curto prazo ondas de calor, insônia, irritabilidade e depressão; a médio prazo, atrofia dos epitélios, mucosas e colágeno; a longo prazo, alterações cardiovasculares e perda de massa óssea.

Alguns autores afirmam que os sintomas climatéricos, a mudança na esfera sexual, as dificuldades emocionais e a necessidade de readaptação social são os maiores complicadores da vivência de mulheres nessa faixa etária. O envelhecimento físico, independente da classe social, pode afetar negativamente a autoestima da mulher e esse envelhecer é influenciado tanto positivamente quanto negativamente por singularidades individuais.

A questão da corporeidade também é outro ponto de vista importante de ser analisado. Não se trata de discutir um corpo que é objeto de investigações científicas, não é falar de medidas, de proporções ou de massa corporal, mas sim do corpo que vive experiências, mergulhado em um mundo de vivências humanas que para as mulheres representam configurações de sentidos subjetivos. O corpo humano é algo relacional, em que qualquer

relação estabelecida com o mundo é feita através dele de maneira subjetiva. A corporeidade, por tanto, representa a experiência humana de integrar espaço corporal.

Metodologia

A pesquisa partiu da metodologia qualitativa de caráter construtivo-interpretativo que se apoia nos princípios da epistemologia qualitativa (González Rey, 1997, 1999, 2005). A epistemologia qualitativa corresponde o ato de compreender a pesquisa como um processo comunicativo, um processo dialógico em que a interação do pesquisador com os dados é essencial.

Ao se afirmar o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, se deseja enfatizar que o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento (González Rey, 2005). O sujeito participante da pesquisa é compreendido pela sua expressão aberta, autêntica, capaz de expressar necessidades e contradições, através de elementos indiretos que recebem significado pela interpretação do pesquisador. A construção metodológica parte de uma epistemologia da construção e não da resposta. O sentido subjetivo do sujeito não aparece de forma direta na sua expressão intencional e sim indiretamente. Demandando assim, uma análise mais profunda da informação obtida. Considera-se que este método de pesquisa é composto por três pressupostos:

- O conhecimento é um processo construtivo-interpretativo. Por meio de práticas de investigação, é possível aproximar-se de uma parte da realidade, mas não da sua totalidade. Significa que a teoria acompanha o processo interpretativo, porém vai se construindo além da teoria. O conhecimento não é um processo linear, é contínuo e está em constante transformação.

- Singularidade. O pesquisador vivencia momentos de contradições frente ao modelo teórico em desenvolvimento. A realidade está configurada de uma forma única e singular. Pressupõe-se a singularidade dos processos, da relação entre pesquisador e pesquisado, como a singularidade de cada um.

- Comunicação. Processo dialógico, pois a maioria dos problemas sociais e humanos se expressa na comunicação direta e indireta entre as pessoas. É quando se valoriza o diálogo e a comunicação entre pesquisador e o sujeito da pesquisa, onde há troca de informações.

Cenário de Pesquisa

O cenário de pesquisa visa criar a possibilidade de um clima favorável para que o sujeito participe ativamente e voluntariamente no objetivo de investigação. Essa pesquisa foi realizada com mulheres que aceitaram o convite prévio verbal feito pela pesquisadora e se disponibilizaram a participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Instrumentos

Os instrumentos são indutores da informação, recursos para conseguir a expressão comprometida das pessoas. A qualidade da informação que eles propiciam devem ser construídas e interpretadas pelo pesquisador. Os instrumentos na pesquisa qualitativa são evidentemente caracterizados pela possibilidade que dão aos sujeitos de pesquisa a livre expressão, possibilitando que o pesquisador crie tecidos de informação e não apenas responda a questões de maneira pontual (González Rey, 2005). O instrumento utilizado nessa pesquisa é a dinâmica conversacional que consiste na conversação facilitada pelo envolvimento entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, permitindo assim, a discussão sobre temas que são relevantes às pessoas envolvidas no processo de pesquisa sem um roteiro prévio estabelecido.

Participantes

A pesquisa foi realizada com três mulheres entre 50 e 59 anos de idade.

Resultados e Discussão

Foi realizado um encontro com as três participantes em que o filme “As Pontes de Madison” foi exibido. Após a exibição elas conversaram sobre suas percepções acerca da película e as relações que fizeram do filme com suas vivências. O filme retrata a história de uma mulher que durante uma viagem de 4 dias do marido com os filhos conhece um fotógrafo que passa pela sua cidade a trabalho e eles iniciam um breve e intenso relacionamento.

Após a exibição do filme, explico para as participantes que o assunto do encontro surgirá a partir de suas falas e pergunto o que elas acharam do filme. A seguir, apresento a fala de Carolina¹, 56 anos, aposentada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, uma das participantes:

Carolina: Eu acho que tudo aconteceu por insistência dela. Ela não usou de artimanha. Ela foi em cima. Ela convidou primeiro pra num sei o quê, depois para um jantar, daqui a pouco pro chá. Ela não deixava ele ir embora. Foi ela quem deu, assim, umas fisgadas nele. Eu acho que casamento é um negócio tão (pausa) sabe!? Linear às vezes, assim, que ela já era casada há provavelmente 17, 18 anos, tendo como parâmetro a idade dos filhos dela. Era um desejo dela. Com certeza ela não era apaixonada por esse marido dela. Ela tinha uma vida tranqüilinha, só. Mas eu acho que a mulher precisa de mais do que uma vida tranqüila, entendeu!?

Na expressão da participante pode ser percebida uma visão conservadora do matrimônio, na qual a personagem do filme só poderia sentir atração por outra pessoa se não fosse apaixonada pelo marido. De acordo com Carvalho & Paiva (2009), “a visão da mulher a

¹ Os nomes foram trocados por nomes fictícios para preservar as identidades das participantes.

respeito do seu próprio papel na sociedade e no casamento está ligada a valores pessoais adquiridos com sua história de vida e com os modelos familiares experimentados`` (p.1).

Continuando com o relato de Carolina: *Não sei, ela precisa gostar em primeiro lugar. Ela não gostava desse cara. Ela tinha outro tipo de compromisso com ele, com os filhos. Mas assim, gostar, amar. Senão ela não teria esse desejo, dessa relação extraconjugal com esse cara. Eu acho bacana ela ter tido essa coragem. Hoje, particularmente com a idade que eu tenho, eu discordo totalmente desse tipo de sofrimento, sabe!? Eu não me permitiria nessas alturas da minha vida optar por uma vida doméstica a ter uma aventura. Porque você vê que ela carimbou isso pro resto da vida dela. Ela diz que foi a melhor escolha, né!? Porque provavelmente se ela estivesse com ele, essa paixão que os movia, provavelmente teria acabado. Eu não concordo com isso não. Então, eu acho que mulher ela tem essa 'sofrência`` que eu num guento mais com 55 anos de idade. Não aguento mais.*

Através da expressão da participante pode ser percebido que o seu conceito de matrimônio está relacionado a uma ideia de fusão, na qual duas pessoas se unem e até os seus desejos sexuais são direcionados apenas um ao outro, inexistindo assim, quando há sentimentos de amor ou paixão entre os dois indivíduos envolvidos, qualquer forma de desejo sexual fora do relacionamento. Ela parece se referir a um tipo de relacionamento que apresenta a sensação de totalidade, complementaridade e tem como características as noções de para sempre, único e exclusivo (Giddens, 1996).

Goldenberg indica que a fidelidade é valorizada por alguns casais não com base em prescrições morais, mas sim por uma disposição consciente de pessoas que se amam, exigem direitos iguais no campo da sexualidade e têm medo de acabar com um relacionamento amoroso em função de uma aventura. Essa também pode ser outra visão de relacionamento caracterizada pela expressão da participante.

A seguir o relato sobre o filme de outra participante, Marisa, 57 anos de idade, aposentada do Tribunal de Justiça:

Marisa: *E o tanto que ela tava minada em casa. O negócio da porta, a mulher fazia tudo lá. Um bate a porta. Pá! O outro bate a porta. O cara sentou, ela foi correndo na geladeira, atender todo mundo.*

Carolina: *O cara foi na gaveta, não deu conta de abrir, ela abriu por ele. A gente faz muito isso. Como a gente faz isso. Nooossa, senhora! Se a gente pudesse ainda sofria pelos filhos.*

Em seguida, Flávia, 50 anos de idade, funcionária pública, complementa:

Flávia: *A gente sempre se coloca em segundo lugar, né!? Em segundo, terceiro, quinto. Tem que tá sempre a família, resolver todos os problemas da casa, não só a família.*

Através dos trechos de informações das participantes pode ser percebido um grande incômodo com os diferentes e díspares papéis exercidos por homens e mulheres dentro da conjugalidade. Talvez o desejo implícito em suas falas seja o de um relacionamento com equidade de gênero. De acordo com Heilborn (2004) o casal igualitário é aquele regido por princípios de igualdade e simetria, por um tipo de troca em que a mesma dádiva dada é também recebida. Espera-se que os homens nessa conjugalidade igualitária se aproximem dos domínios conjugais considerados femininos: o trabalho doméstico e o investimento emocional na relação.

Um segundo encontro foi realizado com as participantes de forma individual. Durante meu encontro com Carolina, ela relatou:

Carlina: *Já fui cobrada de falarem "Nossa, como vai ser a sua velhice?" Ah, sei lá. Eu acho que na nossa idade, eu acho que eu admiro Maíra, quem consegue pensar, projetar, mas não é meu estilo projetar. Eu não sei projetar. Porque a gente não sabe o que vai acontecer no dia*

de amanhã. E se ficar projetando, ah na minha velhice, sei lá. Não consigo, não tenho nada contra com quem faz isso, cada um tem o seu jeito de conduzir a vida.

Esse trecho de informação está relacionado à forma como Carolina percebe o envelhecer que está por vir e como se sente cobrada por outras pessoas em sua vida pelo fato de não estar ao lado de um cônjuge. O que pode ser percebido é que talvez a subjetividade social dominante esteja implicando negativamente em sua geração de sentido subjetivo com a visão de que as pessoas precisam de alguém ao lado para envelhecer e principalmente as mulheres. O mais interessante de ser observado é que Carolina é coerente com suas ideias, uma pessoa de opinião e que provavelmente não sabe o quanto pode estar sendo influenciada por essa concepção de envelhecimento.

Atualmente, Carolina é responsável pelos cuidados de sua mãe diagnosticada com Alzheimer e relatou informalmente que se sente pressionada já que apesar da existência dos três irmãos, os cuidados ficam voltados apenas para ela. Carolina relatou passar por episódios de crise de pânico e até o momento de nosso encontro não estava sendo acompanhada por nenhum profissional da área de saúde mental.

Construção e Análise de Informação

A pesquisa qualitativa, proposta por González Rey (2002), desenvolve-se de maneira dinâmica ao longo de todo o seu curso num processo construtivo-interpretativo em que o objetivo é a construção de indicadores baseados na experiência subjetiva dos participantes. A legitimação do aspecto singular no estudo de caso se dá no movimento intelectual do pesquisador ao elaborar um modelo teórico no desenvolvimento da pesquisa. As ideias que aparecem no estudo se tornam legitimadas pelo valor que têm e pelo que representam para o estudo. Assim, a validação empírica do singular está na pertinência e no seu aporte teórico

que está sendo produzido na pesquisa. Os indicadores terão uma finalidade explicativa e não descritiva.

Dessa forma, estabelecer indicadores auxilia na produção de zonas de sentido que pretendem ser uma representação do real, gerando novos campos de inteligibilidade sobre o problema.

Conclusão

A pesquisa teve como intuito compreender um pouco mais sobre as experiências que as mulheres, denominadas aqui como maduras, vivenciam, os aspectos sociais relacionados ao envelhecer feminino na sociedade contemporânea e o significado do envelhecimento para mulheres brasileiras de classe média. O enfoque dado foi à visão de matrimônio e à percepção que as participantes têm sobre o amor e a paixão.

A realização da pesquisa foi gratificante, pois ao compreender um pouco mais sobre a subjetividade individual de cada uma das participantes, foi possível gerar novos sentidos sobre os indicadores diretos e indiretos de suas expressões. É interessante observar a produção de sentido além da palavra que não necessariamente se configura no momento em que é dita, mas depois. Esses elementos que configuram as expressões das participantes, muitas vezes não são identificados por elas, o que constituiu algo intrigante e curioso de ser percebido.

A construção do cenário de pesquisa foi essencial ao desenvolvimento do estudo, permitindo um entrosamento e maior manifestação das participantes. Isso pôde ser percebido claramente com a exibição do filme. É importante salientar que o estudo foi realizado com uma concepção diferente da que muitas vezes é apresentada pelos pesquisadores, aquela em que o participante representa somente o objeto do procedimento da pesquisa. As participantes foram vistas como sujeitos vivos, passíveis de mudanças e ressignificações de suas experiências.

Referência Bibliográfica

Alonso, S.; Gurfinkel, A. & Breyton, D.(2002). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.

Beauvoir, S. d. (2008). *O segundo sexo II, a experiência vivida*. Lisboa: Bertrand.

Berger, M. (2006). *Corpo e identidade feminina*.

Carvalho, F.; Paiva, M. *O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento*. São Paulo, v. 59, n. 131, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000200008&lng=pt&nrm=iso>.

Dowling, C. (1981). *Complexo de cinderela*. São Paulo: Melhoramentos.

Giddens, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Unesp, 2003. 228p.

Goldenberg, M. (2005). *Dois é par: uma referência fundamental nos estudos de gênero e conjugalidade nas camadas médias urbanas brasileiras*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 15(2), 359-363. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000200010&lng=en&tlng=pt.

González Rey, F. (1997). *Psicologia e Saúde: desafios atuais*. Em *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre.

_____ (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Heilborn, M.L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 217p.

Llosa, M. (2013) *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lorenzi, D.; Herédia, V. & Mariani, H. (2007). *Vivências e representações da menopausa em mulheres da região sul do Brasil*.

Mendonça, E. (2004). *Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa*.

Vigeta, S. & Brêtas, A. (2004). *A experiência da perimenopausa e pós-menopausa com mulheres que fazem uso ou não da terapia de reposição hormonal*.

Weid, O. (2010). *Swing, o adultério consentido*. *Revista Estudos Feministas*, 18(3), 789-810.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000300009&lng=en&tlng=pt>.

Apêndice

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da Pesquisa: Discutindo a Transição Social da Mulher Madura: Estudo de Caso

Pesquisadora: Maíra Barros Ferreira

Orientadora: Psicóloga Valéria Mori

Senhora _____, estou realizando um projeto para fins acadêmicos no Centro Universitário de Brasília e gostaria de convidá-la para participar da pesquisa. O objetivo desse trabalho é conversarmos sobre as experiências que você está vivenciando, analisar os aspectos sociais relacionados ao envelhecer na sociedade contemporânea e discutir o significado do envelhecimento para diferentes mulheres. Haverá alguns encontros marcados previamente em um horário desejado pela senhora e em alguns desses utilizarei um gravador (com sua autorização), para não perder nenhuma informação. Pelo tipo de pesquisa, informo que não haverá procedimentos que causem desconforto ou riscos a participante. A orientadora desse estudo é a psicóloga Valéria Mori, professora titular da Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília.

Se por ventura, algum desconforto for provocado devido a sua participação na pesquisa e lhe estiver causando um maior sofrimento, poderá ser encaminhada ao Centro de Formação

do Centro Universitário de Brasília – CENFOR a fim de que seja prestado a senhora atendimento.

Informo que sua participação será totalmente voluntária e que você não será obrigada a fornecer informações que não queira, podendo desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo e tem o direito de recusar a responder qualquer pergunta que julgue constrangedora sem ocorrência de nenhuma penalização. Salvo também que você não receberá pagamento devido a sua participação e haverá ressarcimento, se por ventura tiver gastado da sua parte para que participe da pesquisa e indenização, nos casos previstos em lei.

Para que eu possa realizar esse trabalho, preciso do seu consentimento de participação na pesquisa. Caso haja dúvidas, estou à disposição da senhora pelo telefone: (61) 8153-0164; e-mail: maigr1@hotmail.com. Quaisquer reclamações a senhora poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: (61) 3340-1363; e-mail: comite.bioetica@uniceub.br.

Atenciosamente,

Maíra Barros Ferreira
Pesquisadora Responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito, como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Maíra Barros sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer ônus ou penalidade.

Local e data _____

Nome e assinatura do sujeito ou responsável:

E-mail:
